

A voz da Pedagogia Crioula no Quilombo de Conceição – Salgueiro/PE

Fabiana Vencezlau / Fabiana Ana da Silva¹

fabianavencezlau@gmail.com

Por que tenho que fazer mestrado? Por que devo ir para a academia? Por que tenho que sair da minha comunidade para ir para a universidade? A jornada no mundo acadêmico é o sonho que qualquer pessoa que tem como objetivo alçar voos nos caminhos do conhecimento, por meio de muitas leituras e diversas escritas. Entretanto, nunca foi o meu sonho.

Filha de agricultora e agricultor que só estudaram até a 4ª série, o incentivo aos estudos era constante. Concluí o Ensino Médio, fiz graduação em Letras e Pedagogia, o suficiente para dar aulas e ser professora nas escolas do meu quilombo, Conceição das Crioulas. A pós-graduação nunca foi um objetivo em minha vida, pois para o que eu queria que era ser professora no quilombo, já tinha os títulos necessários. Mas era constante ouvir alguém dizer que eu deveria ir para o mestrado, doutorado e tudo que a academia oferece.

As comunidades quilombolas no Brasil ainda estão lutando para que as escolas cheguem aos quilombos. Estão na luta para que tenham todas as modalidades de ensino da educação básica, estão lutando para que as leis específicas sejam implantadas e ou efetivadas, a exemplo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola e a Lei 10.639/03.

Assim, quando eu penso em acesso a pós-graduação para nós de quilombos, penso antes, no alicerce que precisa chegar às comunidades, para que possibilite o/a quilombola pensar em um mestrado, doutorado, pós-doc. Por conseguinte,

¹ Fabiana Vencezlau / Fabiana Ana da Silva – Mestranda pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

quando vencemos as primeiras barreiras do alicerce, chegamos então, as barreiras secundárias para o sonhado ingresso no mundo acadêmico.

Para ingressar neste universo é necessário um bom edital, e, para nós quilombolas, passa por reconhecer e respeitar nossas especificidades. Um processo seletivo não racista, não classista que não vise favorecer aqueles e aquelas que sempre tiveram oportunidades. Respeitar nossas especificidades enquanto povo quilombola passa também por entender que somos diferentes, pensamos diferente e estamos em situação desigual no que diz respeito ao acesso a todas as políticas públicas. Logo, essa nossa condição, vai aparecer como fator determinante e excludente, uma vez que não se respeita nossas especificidades.

Então, pensar nas especificidades é pensar que as cotas raciais precisam continuar a existir, é entender que as Ações Afirmativas precisam chegar em toda a universidade, em todos os PPGs e que não pode ser uma demanda de cada curso, e sim, uma política da instituição. É pensar em um edital específico, em que a avaliação seja um memorial, podendo ser escrito ou em audiovisual, onde a entrevista seja com base nesse memorial, onde o Currículo Lattes não seja fator determinante, e sim, a trajetória de lutas, participação e contribuição no movimento quilombola.

Ter um edital pensado de baixo para cima, ou de dentro para fora é parte fundamental para que nosso povo chegue às universidades. Além disso, passada esta etapa, é preciso continuar lutando pela permanência em uma academia que não foi pensada para nós. Que ao longo de anos e anos, excluiu as ditas minorias. Portanto, a pós-graduação para nós, quilombolas, é uma constante corrida de obstáculos em que a frase resistir para existir se faz cada vez mais necessária.

Saindo do meu mundo e entrando no mundo da academia, tudo que eu sou, penso e falo parece sem sentido, ao mesmo tempo em que passa a ter muito mais

valor para mim. Sim, somos diferentes, pensamos, vemos e sentimos diferente. Nossa diferença precisa ser sentida e vista para que quilombolas de qualquer lugar desta nação, ao chegar aqui se sintam acolhidos e abraçados.

As universidades são espaços onde nós quilombolas precisamos ser resistentes todos os dias para não desistir. Eu sei que o racismo está presente em todos os lugares, inclusive nos quilombos, mas aqui senti na alma a diferença, um lugar onde é preciso ser resistente todos os dias ou então desistimos.

O nosso propósito nunca é desistir, mas faz-se necessário criar um ambiente mais acolhedor para nós quilombolas e para toda a pluralidade que as Ações Afirmativas fazem chegar até o ambiente acadêmico. Sou a primeira quilombola do mestrado no PPGET (Programa de Pós-Graduação em Letras). Não desisti e nem irei desistir por conta de racismo, preconceito, olhares e sentimentos adversos. Eu não desisto, mas quero garantir a não desistência de todos que virão após a minha chegada, seja no PPGET ou em qualquer outro PPG (Programa de Pós Graduação).

Peço que revejam os currículos e ementas e os façam universais. Queremos ver e ouvir serem contadas nossas histórias, as histórias do povo negro e quilombola porque, se o Brasil é feito da mistura de raças e cores, quero ver essa mistura também nas leituras que temos que fazer em todas as disciplinas. Eu sei que é pouco o que temos escrito em comparação a história única que é contada, mas temos e é preciso que seja usado o que temos para que outras realidades sejam visibilizadas, contempladas, estudadas, lidas.

O que trago no conteúdo desse texto creio que não é nenhuma novidade e o que desejo parece utopia, eu sei, porém são gritos de mais de 500 anos atrás, desde que o primeiro navio negreiro cruzou o oceano até aqui. Eu sou o grito de todos que se rebelaram, que lutaram e que nunca aceitaram a escravidão. E assim como a semente da liberdade germina até hoje, a semente dos que escravizaram

também germina e cresce entre nós, espalhando a podridão do racismo que se fortalece cada dia com o “Mito da Democracia Racial”.

O que escrevo aqui foge dos padrões do que pede a academia, foge do que a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) recomenda, mas alinha-se ao que é necessário e gritante. Trago uma escrita que é um chamado à sensibilidade, à escuta e a mudanças estruturais, sociais e comportamentais. Sei que não cumpre as exigências formais de um texto para publicação em revistas ou em outro meio, ou talvez esteja na hora de pensar em publicar outras formas de escrita, sem tantas normas ou moldes, mas com vivência daqueles e daquelas que protagonizam as histórias outras.

E por que eu vim parar aqui na Universidade Federal do Rio Grande do Sul? Essa resposta eu não tenho. Foi o primeiro edital que apareceu, quando decidi continuar minha trajetória acadêmica. Deus, os orixás, os encantados e todos os espíritos de luz certamente sabem. Que Eles continuem me guiando para que eu abra sempre os melhores caminhos, para que eu deixe sempre uma mensagem de fé e esperança por onde eu passar, e que eu sempre plante a semente da continuidade do povo e do movimento quilombola. Sou quilombo, sou quilombola, sou Conceição das Crioulas.

Agradeço as pessoas e espaços que se abriram para ouvir a minha história. As professoras e aos colegas do curso, que me abraçaram desde o ensino remoto e que no presencial formaram uma irmandade de afeto, acolhimento e luz. Vocês fizeram a diferença e levarei para a vida. Seguirei contemplando a beleza e o perfume das rosas e afugentando o medo dos espinhos. Seguirei fazendo movimento, porque faço aquilo que sou, e não posso e nem quero ser outra coisa para caber nas salas de aulas. Se a universidade nunca viu movimento é porque nós dos movimentos não conseguíamos chegar.

Chegamos e queremos permanecer. O meu eu, que não queria ir para a universidade é a parte de mim que discorda que o conhecimento do meu povo tem que ser validado pela academia para tornar-se conhecimento. O meu povo sempre produziu, produz e produzirá conhecimento, o nosso povo sempre teve e terá mestres e mestras, doutores e doutoras e todos os títulos que quisermos, pois, nossos saberes antecedem o conhecimento universitário e são natos advindos da ancestralidade e da tradição.

A parte de mim que resolveu ir para a universidade é o eu coletivo, o eu movimento, o eu luta. Luto para que a juventude quilombola ocupe todos os espaços. Luto pelas Ações Afirmativas e as cotas raciais. Luto para que ocupemos as universidades, enquanto estudantes para depois ocuparmos enquanto professores. Luto por todos, por nós, por mim.

A minha escrita é luta. É simples e ao mesmo tempo complexa. Fácil de entender para alguns e difícil para outros, por que como explicar o que não se explica? Como entender o que é mistério? Nós somos mistério, nossa escrita é mistério porque escrevemos o que somos. Trazemos poesia, ciência e vivência. Trazemos memórias em nossas escritas. Memórias que não são apenas nossas, porque quando escrevemos não escrevemos de nós, por nós, escrevemos de todos, de vários, de um coletivo ancestral que nos inunda e transborda em cada palavra, frase, texto. O meu texto é nosso, porque eu sou, porque somos todos nós.

Por fim, digo que já tenho o maior título que é ser quilombola de Conceição das Crioulas. Quero que saibam que minha maior escola foi a AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. Que estudei e estudo para dizer ao meu povo, que a gente pode chegar onde a gente quiser chegar. Estudei para ser professora quilombola porque disseram que não éramos capazes. Sim, estou no mestrado, vou seguir para o doutorado e para tudo que a minha comunidade me mandar ir. Vou continuar adentrando as universidades nacionais, internacionais e todos os cantos e espaços onde a minha voz precisar ser ouvida, que a nossa

causa precisar ser visibilizada, pois, para nós, a verdadeira liberdade para o nosso povo, é podermos contar a nossa história.